

# O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS\*

*THE 1964 MILITARY COUP AND BRAZILIAN DICTATORSHIP THROUGH THE  
SPEECH OF PAULO FRANCIS*

Alexandre Blankl Batista\*\*

**Resumo:** O objetivo do texto é apresentar uma reflexão sobre certos aspectos do discurso e das impressões do jornalista Paulo Francis a respeito do Golpe Civil-Militar de 1964 e do regime ditatorial que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Serão utilizados textos deste jornalista vinculados à grande imprensa, em especial ao jornal *Folha de São Paulo*, além de seu livro de memórias acerca de 1964, *Trinta Anos esta noite*, escrito no jubileu de trinta anos do Golpe, em 1994. Por meio da análise do discurso do autor, é possível listar pontos em comum com determinada interpretação da história do Golpe e da Ditadura que tem sido disseminada recentemente na grande imprensa. Tal reflexão também se mostra pertinente no sentido de avaliar questões relacionadas à viragem ideológica de Francis, ora trotskista no período pré-1964, ora liberal-conservador a partir de meados da década de 1970.

**Palavras-chave:** Paulo Francis, Golpe de 1964, Ditadura Civil-Militar no Brasil.

**Abstract:** The aim of this work is to present a reflection about certain aspects of the speech and the impressions of pressman Paulo Francis concerning the Civil-Military Coup in 1964 and the Dictatorship which took place in Brazil from 1964 to 1985. There will be employed works of the named pressman which are linked to big media, specially to *Folha de São Paulo*, as well as his book of memories from 1964, *Trinta Anos esta noite* (free translation: “*Thirty Years tonight*”), which was written by the time of the thirtieth anniversary of the military coup, in 1994. By analyzing the speech of the author, it is possible to point common issues with a certain interpretation of the history of the Coup and the Dictatorship which has been recently disseminated within the big media. Such reflection also presents its relevance when analyzing questions related to the ideological turnover Francis had, Trotskyist before 1964 and then Liberal-Conservative from the 1970s on.

**Keywords:** Paulo Francis, The 1964 Military Coup, Brazilian dictatorship.

---

\* Este texto é uma versão ampliada, corrigida e atualizada de um pequeno esboço, originalmente apresentado no *III Simpósio Trabalho, Cultura e Poder*, realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), em 2012, e publicado nos *Anais* deste evento.

\*\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: blankl@bol.com.br

O 1964 FEZ DE MIM, DA MINHA GERAÇÃO, HOMENS ADULTOS. VIVÍAMOS DE ILUSÕES, NOS IMAGINANDO SENHORES DO BRASIL DE QUE GRADUALMENTE TOMÁVAMOS POSSE (...).

PAULO FRANCIS, *TRINTA ANOS ESTA NOITE*

O Golpe de 31 de março de 1964, que derrubou o presidente João Goulart no Brasil, vem suscitando um acalorado debate historiográfico. Recentemente, boa parte dos historiadores tem adotado a ideia de um “Golpe Civil-Militar”, lembrando que não foram apenas os militares que conspiraram na derrubada de João Goulart (Jango) e deram sustentação à Ditadura. No rol de interpretações sobre o Golpe encontram-se pesquisas sobre a acentuada articulação dos civis<sup>1</sup> e, de outro lado, trabalhos que reafirmam a ação preponderante dos militares no episódio<sup>2</sup>. Há quem não esqueça de reafirmar o papel dos movimentos sociais, que não teriam ficado passivos frente à agitação pré-golpe<sup>3</sup>. Em meio a esses estudos, é controverso o

entendimento sobre a participação dos Estados Unidos no processo que culminou nos vinte e um anos de Ditadura no Brasil<sup>4</sup>. Cabe ressaltar, ainda, outro leque de discussões, no qual certos historiadores se debruçam, de modo a não deixar de analisar o caso brasileiro como fenômeno isolado. Trata-se da história da Ditadura brasileira como parte de uma lógica mais ampla que engloba as chamadas “Ditaduras de Segurança Nacional”, específicas da América Latina<sup>5</sup>.

Os casos acima são apenas uma pequena amostra dos tópicos paralelos que instigam os pesquisadores e geram controvérsias ao tema do Golpe de 1964. Junto a estes debates, também há algumas versões que têm dado ênfase aos acontecimentos que levaram ao Golpe, essencialmente, na ação providencial de certos protagonistas, cujo papel de destaque teria sido fundamental não apenas no andamento do processo golpista, mas também no caráter que teve a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Recentemente, os trabalhos do jornalista Elio Gaspari são um exemplo nesse sentido. As séries *Ilusões Armadas* e *O Sacerdote e o Feiticeiro*, publicadas pelo autor entre 2002 e 2004, constituem-se na pretensão de escrever uma verdadeira “História da Ditadura”, considerando a extensão da narrativa e os temas apresentados.

<sup>1</sup> René Dreifuss, em um excelente trabalho sobre o complexo IPES/IBAD, mapeou extensivamente a atividade destes institutos, mostrando a impressionante organização do empresariado brasileiro que apoiou o golpe civil-militar: DREIFUSS, René Armand. *1964, A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>2</sup> Gláucio Ary Dillon Soares reafirma a preponderância dos militares no golpe, no máximo, admitindo os civis como importantes coadjuvantes em tal processo, mas não como os “atores” principais. Nesse sentido, critica certos trabalhos que teriam “subestimado o papel dos militares”: SOARES, Gláucio Ary Dillon. *O Golpe de 64*. In: *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

<sup>3</sup> Um bom exemplo desta posição pode ser encontrado no trabalho de Jacob Gorender: GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>4</sup> Uma tentativa interessante de balanço historiográfico sobre algumas das diferentes interpretações acerca do golpe encontra-se na obra de Carlos Fico, *Além do Golpe: FICO, Carlos. Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. São Paulo: Record, 2004.

<sup>5</sup> Destacam-se os trabalhos de Enrique Serra Padrós: PADRÓS, Enrique (Org.). *As Ditaduras de Segurança Nacional: Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: Corag/ Comissão do Acervo da Luta contra a Ditadura, 2006; PADRÓS, Enrique. *América Latina: Ditaduras, Segurança Nacional e Terror de Estado. História & Luta de Classes*, Marechal Cândido Rondon, julho 2007, p. 43-49.

## O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS

No entanto, Gaspari não foi o pioneiro, na área do jornalismo, ao tentar registrar impressões sobre a Ditadura Civil-Militar. Outros jornalistas antes dele já haviam escrito memórias sobre o período. Entre eles, o conhecido polemista Paulo Francis, que publicou um livro de memórias a respeito do Golpe de 1964, do qual as interpretações e o estilo narrativo lembram significativamente os trabalhos de Elio Gaspari. Ao longo do texto, apontaremos algumas dessas semelhanças. No momento, cabe dizer que o livro de Francis não tinha a mesma pretensão das séries publicadas por Elio Gaspari, tanto em relação à extensão de informações, quanto ao volume documental apresentados pelo último. Mesmo assim, os pontos de aproximação são significativos, não apenas para traçar um paralelo entre os dois, como também apontar as relações dos trabalhos desses autores com a grande imprensa.

Sendo assim, o objetivo deste texto é apresentar uma breve reflexão sobre certos aspectos do discurso e das impressões do jornalista Paulo Francis a respeito do Golpe Civil-Militar de 1964 e do regime ditatorial que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Tentaremos reforçar a hipótese de que há um vínculo importante entre o discurso deste jornalista com determinada interpretação acerca das causas que suscitaram a ascensão da Ditadura, a qual vem sendo enfaticamente reproduzida na grande imprensa nos últimos anos, em especial por meio dos trabalhos de Elio Gaspari. Serão utilizados textos de Paulo Francis vinculados à grande imprensa, em especial ao jornal *Folha de São Paulo*, além de seu livro de memórias acerca de 1964, *Trinta Anos esta noite*, escrito no jubileu de trinta anos do Golpe, em 1994. Tal reflexão também se mostra pertinente no sentido de avaliar questões relacionadas à viragem

ideológica de Francis, ora trotskista no período pré-1964, ora liberal-conservador a partir do final da década de 1970.

Paulo Francis se dizia trotskista. Deu uma guinada conservadora, adotando postura em defesa do liberalismo, expressa sensivelmente a partir da década de 1980. Como intelectual de esquerda, Francis teve participação marcante no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, entre 1963 e 1964, quando atacava com veemência personalidades da União Democrática Nacional (UDN), em especial Carlos Lacerda, oligarquias políticas e organizações empresariais, além do imperialismo dos EUA. Foi marcante também a sua atuação no semanário *O Pasquim*, entre 1969 e 1976, quando escrevia já sob a vigilância da censura. Sua virada ideológica se consolidou em território estadunidense, em tempos que já era correspondente estrangeiro da *Folha de São Paulo*, jornal onde foi colunista entre 1975 e 1990.

A *Folha de São Paulo* (FSP) também passou por uma fase de transição, a qual acompanhou a virada ideológica de Paulo Francis. Nos tempos iniciais de FSP, Francis tinha como diretor de redação Cláudio Abramo, que saiu do jornal em 1977. Após a saída de Abramo, a *Folha* mudou sensivelmente a sua linha de atuação editorial. Mas tal guinada ideológica de Francis provavelmente não foi provocada unicamente pela mudança no formato do jornal. Teve maior relação com o deslumbramento pelos EUA, pelo trauma do sofrimento com o Golpe de 1964 e decepção com as formas pelas quais as tentativas de implantar e gerir modelos de socialismo foram adotados em diferentes países. Com o passar do tempo, seu conformismo pelo que entendia por “mal menor”, materializado especialmente no liberalismo econômico à

moda norte-americana, foi ganhando lugar em suas predileções político-econômicas. A preferência pela livre iniciativa de mercado, com o mínimo de intervenção do Estado na economia, e a defesa pelas privatizações de empresas estatais, se fazem sentir progressivamente em seus escritos entre as décadas de 1980 e 1990.

Somado a isso, há uma problemática interessante a ser considerada, em especial no que diz respeito à aproximação entre a linha editorial da *Folha de São Paulo*, Paulo Francis e outros jornalistas ligados aos grandes jornais, especialmente à *FSP* e ao *O Globo*, como é o caso de Elio Gaspari. Um tema plausível de aferição para tal problemática é justamente o que gira em torno do Golpe de 1964, porque não há propriamente um consenso entre os historiadores sobre a “natureza” do Golpe, como comentamos brevemente no início do texto. Por outro lado, dentro da grande imprensa, parece estar em movimento um processo de consenso forjado, cujo parâmetro de interpretação acerca do Golpe, e da própria Ditadura, aproxima-se em alguns eixos analíticos comuns, dos quais se permite emitir certas conclusões daquele processo contextual que culminou em 1964 e nos vinte e um anos de regime ditatorial.

### **Paulo Francis escreve sobre o Golpe e a Ditadura**

O livro de Paulo Francis sobre 1964 tem enfoque memorialístico, como foi dito anteriormente, publicado justamente no jubileu de trinta anos da deposição de João Goulart. Nos anos imediatamente vindouros, após os episódios que culminaram na queda de Jango, Francis só escreveu sobre o Golpe, criticando a Ditadura, no jornal carioca *Correio da Manhã*, entre 1967 e 1968, além de dedicar um subcapítulo

intitulado *Tempos de Goulart*, em seu livro de 1966, *Opinião Pessoal*. No entanto, após a edição do AI5, no final de 1968, o jornalista deixou o jornal, passou pela experiência da primeira prisão e abandonou o tema por algum tempo. Em 1969, passou a colaborar n’*O Pasquim*. Da mesma maneira como o *Correio da Manhã*, *O Pasquim* pode ser considerado de resistência ao regime político imposto naquele momento, embora formal e estilisticamente diferente do primeiro. Ali, Paulo Francis deixou o estilo que adotava no *Última Hora*, e mesmo no *Correio da Manhã*, de combate às “forças reacionárias” que, antes do Golpe, se colocavam contra Jango e, após o 31 de março, governavam o país. O próprio Francis reconhecia sua mudança e a informava aos seus leitores, mas não mencionando a política nacional, referindo-se sempre à política externa:

Outros leitores me comparam muito desfavoravelmente ao Paulo Francis que escrevia sobre política na *Última Hora*. Deus, também conhecido por Ivan Lessa na sua nova jornada na terra, já me chama até pelo meu nome verdadeiro, Franz Heilborn (...), querendo com isso (...) distinguir entre um e outro, na passagem do tempo (...). Crianças, o Paulo Francis de *Última Hora* foi em outro país e a moça morreu. Naquele tempo, eu ripava os EUA sem contra-argumentos. (...) Sou forçado a reconhecer que as imperfeitas instituições democráticas dos EUA, apesar dos Mitchells e Agnews, resistiram ao teste da contestação política maciça, fato impensável nos meus tempos de *Última Hora*, o fato da resistência e o da contestação<sup>6</sup>.

N’*O Pasquim*, o jornalista carioca se viu obrigado a adotar um discurso desfocado da política nacional, tratando essencialmente da política externa e escrevendo críticas

---

<sup>6</sup> FRANCIS, Paulo. Opiniões Pessoais. In: *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 98, 20 a 26/5/1971.

## O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS

culturais, especialmente referentes a cinema e literatura. É evidente que há um cuidado com a repressão e com a censura, mas também é um indício de conformidade com a nova postura assumida, deixando subentendido que teria “morrido um lado seu” e que, então, amadurecera. Essa tendência mais “amena” também se apresentava em textos seus publicados em outros periódicos de imprensa, na primeira metade da década de 1970, como aqueles integrantes do semanário *Opinião*, também reconhecido como jornal de oposição ao regime político brasileiro de então.

Foi somente na *Folha de São Paulo* que, novamente, Francis escreveria sobre o Golpe como tema a ser “examinado”. As primeiras vezes, no intervalo de poucos dias, ao final do ano de 1976 e início de 1977, quando datava já cerca de cinco anos e meio de exílio voluntário, em território dos EUA, e um ano da chamada abertura “lenta, gradual e segura”, como dizia o ditador General Ernesto Geisel. Naquele momento, comentou algo com referência a novos documentos e testemunhos surgidos a respeito do Golpe de 1964, oriundos de fontes estadunidenses. Porém, adotava atitude jornalística de distanciamento, apenas focando os agentes externos ao tratar do assunto.

Portanto, não temos uma descrição pormenorizada das impressões de Francis sobre o Golpe naquele interregno. Francis falaria de forma mais aberta sobre o assunto, na *FSP*, somente no princípio da década de 1980, quando assumidamente dizia ter abandonado as convicções acerca de qualquer alternativa socialista. No livro de 1994, *Trinta Anos esta Noite*, o jornalista já tinha consolidado, por meio de outras publicações e pela própria imprensa, as posições conservadoras que o aproximava das diretrizes incentivadas pelo Consenso de

Washington e da agenda neoliberal hegemônica na década de 1990.

É produtivo comparar o discurso disperso neste livro com o do mesmo autor no contexto imediatamente anterior a 1964 – antes da guinada ao conservadorismo liberal. Um primeiro ponto que pode ser levantado, confrontando o Francis que escrevia para *Última Hora* com aquele que escreveu *Trinta Anos esta Noite*, é a ausência, no livro de 1994, da referência ao IBAD.

É importante sublinhar que o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais), criados, respectivamente, em 1959 e 1961, foram organizações constituídas por empresários e intelectuais, de caráter anticomunista, que atuaram sobretudo contra o Governo João Goulart. Nos dias que precederam o Golpe Civil-Militar, Francis atacava verbalmente o que chamava de “imprensa ibadiana”, a UDN e, principalmente, Carlos Lacerda, adjetivando-o a todo o momento de “fascista”.

As referências ao IBAD e ao imperialismo estadunidense eram muito presentes em suas notas políticas no *Última Hora*, entre 1963 e 1964. As suas memórias de 1994 não apenas silenciam sobre a atuação do IBAD, tema sempre presente em suas colunas da época, como também isentam categoricamente os EUA de responsabilidade sobre o Golpe. Os trechos abaixo, de Paulo Francis, para o jornal *Última Hora*, evidenciam a perspectiva descrita acima para a defesa do governo Jango, além da denúncia e ataque aos seus adversários:

O líder político do movimento [*do golpe que se desenhava contra Jango*] é Carlos Lacerda; (...) o líder militar é o Gal Castello Branco. (...) O mandato do

presidente (...) será defendido pelas armas, pela greve geral. Não serão toleradas fórmulas de legulelos ibadianos para *impeachment*. (...) A ‘guerra psicológica’ está desencadeada para fomentar o medo, a desconfiança e o divisionismo. Os editoriais da imprensa ibadiana parecem escritos pela mesma equipe. São “inspirados” pela mesma equipe. Adverti os leitores de que as forças do imperialismo e latifúndio procurariam todos os meios de desviar o debate das reformas para o subjetivismo difamatório, para a politicagem pura e simples, terreno onde os recursos do IBAD florescem sem obstáculos<sup>7</sup>.

No dia seguinte, reafirma:

O Golpe está aí anunciado nos editoriais de primeira página da imprensa ibadiana, articulado por três governadores em nome da defesa da Federação (...)<sup>8</sup>.

Essas foram as últimas colunas de Francis no *Última Hora*, em seu espaço chamado *Paulo Francis interpreta e comenta*. No dia 1º de abril de 1964 o jornal foi depredado e incendiado. Francis, então, escondeu-se por um tempo com medo de represálias. Ficou cerca de dois anos fora das redações dos jornais. Exceto pelos posicionamentos políticos que deixava transparecer sobre o regime em vigor no *Correio da Manhã*, entre 1967 e 1968, além das impressões dispostas no já mencionado *Opinião Pessoal*, de 1966, o autor só escreveria sobre o assunto, sob a perspectiva analítica, cerca de dez anos depois, em uma página inteira para a *FSP*. Mesmo assim, o conteúdo resumia-se aos “interesses externos” pelo Golpe de 1964 no Brasil. O título de sua coluna dizia: “Estados Unidos estavam prontos para intervir no Brasil em 1964”. A fonte de então é creditada “a uma alta personagem no Conselho de Segurança Nacional nos governos John Kennedy e

Lyndon Johnson”, cujo nome não podia revelar, dizia Francis<sup>9</sup>. Dias depois, timidamente, ainda reproduzia notícia do *Wall Street Journal* sobre o “estado de liberdade” no mundo de então, referindo-se ao Brasil como um país “parcialmente livre”<sup>10</sup>. E foi só.

As considerações com maior detalhamento por parte de Francis sobre o episódio golpista só vieram a partir de algumas colunas suas na *FSP* durante a década de 1980. Em abril de 1980, passado alguns dias do 16º aniversário do Golpe, o jornalista carioca opinava sobre a suposta mediocridade de Golbery do Couto e Silva, perguntando “onde estaria ele sem o Exército por trás em 1964 e nas outras ocasiões em que foi ao poder?”, fazendo alusão também ao IPES e IBAD<sup>11</sup>. Da mesma maneira, lembrava do IBAD e do IPES em dezembro de 1982, novamente recordando a época em que havia conspiradores civis, representados por organizações do empresariado e certos intelectuais, contra o governo Jango.

Portanto, na década de 1980, ainda recordava o papel dos empresários na derrubada de Jango. Porém, como já enfatizamos, pouco faz referência à ação empresarial em seu livro de memórias *Trinta Anos Esta Noite*. As memórias apresentam uma visão do Golpe com participação eminentemente militar, à exceção do desempenho de um civil em particular, no papel de agitador dentro da imprensa, Carlos Lacerda. Porém, substancialmente, a avaliação de Francis

<sup>9</sup> *Folha de São Paulo*, 31/12/1976.

<sup>10</sup> *Folha de São Paulo*, 19/01/1977.

<sup>11</sup> “(...) Onde estaria ele [Golbery] sem o Exército por trás em 1964 e nas outras ocasiões em que foi ao poder? Estaria de pijama em Copacabana, ou no Ipes, um dos vários Ibads que conspiraram contra a semidemocracia que tínhamos antes de 1964, para ser trocada pela maravilha curativa que foi imposta ao Brasil. É pobre”. *Folha de São Paulo*, 5/4/1980.

<sup>7</sup> *Última Hora*, 31/03/1964.

<sup>8</sup> *Última Hora*, 01/04/1964.

## O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS

apresenta-se esvaziada da relevância de quaisquer grupos coletivos, como a do complexo IPES/IBAD, em que a história, para ele, é determinada pela vontade de poucos indivíduos. René Dreifuss foi quem conseguiu, como ninguém, argumentar a relevância dessas organizações empresariais para o desgaste de Goulart e à articulação golpista<sup>12</sup>. Tais organizações seriam financiadas pelos EUA, seguindo orientação dos relatórios da embaixada norte-americana no Brasil, a qual classificava Goulart como uma personalidade perigosa aos interesses estadunidenses no país.

Com isso, Paulo Francis superestima o protagonismo de determinados agentes para a ocorrência dos fatos que suscitaram 1964, dando peso demasiado aos próprios militares, desconsiderando a importância das organizações coletivas (tanto as de defesa do governo Goulart, como as de oposição) e, também, descrevendo elogiosamente as personalidades de Castello e Golbery, chegando a pressentir vocação “democrata” dos mesmos em certos momentos.

Em seu texto, não há uma avaliação substancial do “pré-golpe”, das razões que levaram a ele. Há apenas uma digressão ao período getulista, como um preâmbulo de uma época nacionalista que teria esgotado sua vitalidade política. Os detalhes dessa reflexão sugerem mais uma tentativa de mostrar o atraso econômico, frente a uma necessidade liberal sempre apontada por Francis, do que um esforço para enumerar elementos que precipitariam o Golpe. Essa lacuna surpreende, de certa forma, levando em conta certos escritos anteriores do jornalista, em que ponderava alguns elementos substanciais acerca do contexto de então.

<sup>12</sup> DREIFUSS, René. *Op.cit.*

Para Paulo Francis, em *Opinião Pessoal* (1966), por exemplo, o regime que se instalara em 1964, cuja deflagração é adjetivada claramente como “Golpe”, seria fruto, além da fraqueza de Jango, da manipulação sobre a pequena e média burguesia, feita pela imprensa e por organizações como o IBAD, tendo como ferramenta fundamental o anticomunismo<sup>13</sup>. Naquele momento, também relacionava a ditadura com o imperialismo estadunidense. Referindo-se aos prejuízos de 1964, Francis dizia que as massas populares é que estavam pagando o preço “pela submissão crescente do Governo Castello Branco às diretrizes dos EUA<sup>14</sup>. Por outro lado, em *Trinta Anos Esta Noite*, esse quadro interpretativo se distingue significativamente, sem contar o fato de relativizar a noção de Golpe de Estado<sup>15</sup>.

No livro de 1994, sua opinião referente à inexpressividade da participação popular diante das decisões políticas torna-se evidente. Um subcapítulo é inteiramente dedicado a tal cogitação, rotulando a questão desta maneira: “Existe povo, politicamente?”<sup>16</sup>. Em certa altura responde sobre a politização de movimentos populares em momentos políticos relevantes historicamente: “A participação popular nesses acontecimentos é nenhuma, que eu possa perceber. Há, às vezes, passeatas, como em 1968, mas, se se olha bem, são os

<sup>13</sup> FRANCIS, Paulo. *Opinião Pessoal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, pp. 15-34.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>15</sup> Ainda no princípio da narrativa, intitula um dos capítulos como “Cronologia de um Golpe (ou Revolução?)” e, na sequência, questiona: “É quem deu o golpe, se golpe foi?”. FRANCIS, Paulo. *Trinta Anos Esta Noite*. São Paulo: Francis, 2004, p. 25 e 33.

<sup>16</sup> FRANCIS, Paulo. *Trinta Anos esta noite: 1964, o que vi e vivi*. São Paulo: Francis, 2004, p. 223 (1ª edição de 1994).

habituais suspeitos que fazem barulho. O resto é gente curiosa”<sup>17</sup>.

Suas fontes são quase sempre de “informantes”, como ele mesmo diz, aos quais dá maior ou menor credibilidade, conforme seu próprio juízo. Nesse sentido, as fontes de então não são distintas daquelas de outrora, como acima citamos na reportagem que fez à *FSP*, em dezembro de 1976, quando se baseava fundamentalmente em um “informante” (não identificado). Entretanto, a sua interpretação na década de 1990, em *Trinta Anos esta Noite*, já não era a mesma daquela de 1976. No livro, Paulo Francis relativiza o interesse dos EUA pelo cenário brasileiro de 1964, chegando a dizer que desacreditava numa participação direta ou indireta dos Estados Unidos: “Muita gente boa está convencida de que o governo dos EUA participou, direta ou indiretamente, do 1964. Há documentos que sugerem isso e aquilo. Não é o que acredito”<sup>18</sup>.

O jornalista argumenta que nada se mantém em segredo nos EUA. O fracasso em intervir em Cuba e matar Fidel, por exemplo, após ter se consumado a Revolução Cubana, seria uma, entre outras provas, de como a CIA fora incompetente nas intervenções em outros países. Relacionando essa perspectiva com outras intervenções mal sucedidas e o caso brasileiro, acrescenta:

Notem que, para intervir às escâncaras no Vietnã, Lyndon Johnson teve de pretender um ataque dos vietnamitas contra a Marinha dos EUA, no golfo de Tonkin. A resolução de intervir passou por dois votos no Senado americano... O que teriam de inventar sobre Jango para justificar uma intervenção no Brasil? Que ele fez pipi na Estátua da Liberdade? Quem fala disso com muita segurança não

sabe como funcionam os EUA, onde moro há 23 anos. Sem dúvida, Johnson apoiou a remoção de Jango, reconhecendo apressadamente o governo provisório de Mazzili, no dia da posse, louvando-o por preservar a democracia... É certo que o embaixador Lincoln Gordon deve ter dado sinal verde a conspiradores como Castello (...) e, como disse, temia “perder” o país para alguma forma cabocla de comunismo. Há mil maneiras de acenar sem ser diretamente<sup>19</sup>.

Para o jornalista carioca, a intervenção não teria sido direta nem indireta, sugerindo que tenha sido “um aceno”, uma concordância de que a derrubada de Jango e a ascensão dos golpistas iam ao encontro dos interesses estadunidenses. Ademais, fala com um tom de autoridade no caso, de quem está há mais de vinte anos nos EUA, mas na realidade seu ponto de vista resume-se a um palpite, destituído de qualquer fonte confiável. Os mesmos “informantes” (dos quais boa parte não cita o nome) que lhe dão dados sobre a não cumplicidade dos EUA com o Golpe, têm o mesmo peso daqueles da década de 1970 que lhe disseram justamente o oposto, conforme a coluna citada na *FSP*; ou seja, pouco se pode concluir sobre o assunto nestes termos. Os dados desses “informantes”, ou depoentes, para terem maior relevância, mesmo que citados seus nomes, deveriam ser tratados com maior suspeição e, preferencialmente, postos em contraste com outras informações que se tem a respeito do que se está investigando, ou do que se quer lançar luz para um melhor entendimento dos fatos.

Chamam a atenção também os momentos dedicados à apreciação do governo Castello Branco. Os elogios a Castello mostram-se no entendimento de que o General teria tendências democráticas,

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 137.

## O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS

mas também na sua inclinação pela suposta competência em montar seu ministério e gerir a economia. Segundo Francis, antes do Golpe, haveria uma tendência de reformas liberais-econômicas, das quais a inspiração civil seria liderada por Carlos Lacerda, e que se consolidaria num futuro de ideias condizentes com as realidades da economia de mercado dos EUA. Sendo assim:

O primeiro governo de 1964, de Castello Branco, foi mais ou menos tirado dessas fontes. Roberto Campos e Gouveia de Bulhões conseguiram baixar a inflação de 80% para 40% ao ano. Criaram o BNH para valorizar e coordenar a aplicação de dinheiro em bens imobiliários. Dinamizaram o BNDE, para cofinanciar a indústria privada. Desvalorizaram o cruzeiro para torná-lo moeda real (desde Getúlio Vargas, no período de Presidência de 1950, os nacionalistas, pela Instrução 60, fixaram artificialmente o valor do dólar e criaram barreiras fortes à importação). Chamaram de todas as formas o capital estrangeiro. O capital não veio, diga-se, apesar de o governo dos EUA ter emprestado 4 bilhões de dólares ao Brasil para essas reformas internas. Eu não entendia do assunto quando isso foi feito. Graças aos céus não tinha onde escrever, pois dispararia besteiras mil. Hoje, aprovo completamente essas reformas e gostaria que houvesse mais, apesar da origem do regime ser a força<sup>20</sup>.

É notável a identificação com uma vertente liberal que teria se manifestado no governo Castello. Acima, percebe-se que não deixa de realizar uma autocrítica à sua fase anterior, como ideólogo de esquerda, argumentando que naquele momento não entendia de economia. Nota-se, nas palavras do jornalista, que a preferência pela liberalização econômica quase isenta Castello por ter optado posteriormente pela Ditadura. Dá a entender que o liberalismo castellista era incompatível com a mesma,

mas em razão das circunstâncias ele não tivera outra escolha:

Castello aceitou estender seu mandato. Era o início da ditadura plena (...). Os militares anti-Castello, antiliberalização da economia, se aproveitaram disso para exigir mais repressão, tentaram convencer o vai-levando do governo num Estado policial (...). Castello ganhou até 1967 para fazer suas reformas, um toma-lá-dá-cá moralmente deplorável, talvez, mas que alternativa havia?<sup>21</sup>

Embora atomize as decisões e as ações fundamentais do Golpe e do próprio caráter inicial da Ditadura, Francis apela certas vezes à análise do processo para isentar a omissão do General golpista diante do encaminhamento pelo regime ditatorial. O jornalista carioca entende que Castello Branco se vira impotente diante do processo e, dessa forma, a Ditadura teria sido quase uma fatalidade. Agregado a isso, relaciona esse ponto de vista com o suposto caráter menos cruel da ditadura brasileira, a qual não se compararia com regimes congêneres na região do Conesul:

As violências foram e são imperdoáveis. Fui amigo de Vlado e Rubens Paiva (...). E as centenas de anônimos e anônimas, estas últimas não raro seviciadas sexualmente, que pereceram nos quartéis. Ainda assim são centenas, talvez mil e poucos. Não são os milhares e milhares de vítimas das ditaduras de Pinochet, Stroessner e dos generais argentinos, cujo tônus se assemelhava ao da Gestapo nazista. Castello, por certo, não queria ser ditador nem estabelecer ditadura. É importante repetir que se autocassou, por assim dizer. Isto é, negou-se a tentar sequer sua reeleição e só ficou no poder até 1967. Foi levado ao que fez por circunstâncias<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 116.

Em seu livro, Francis entende que os militares regentes do Golpe, especialmente Golbery e Castello, não desejavam um regime ditatorial. As ações seguintes é que teriam se precipitado contra a abertura, e o que provaria isso seria a suposta reticência entre os militares em manter um único líder no comando do país, insistindo na alternância do poder. Enfaticamente, Francis confirma essa ideia no programa *Roda Viva*, da TVE, onde foi em 1994, por ocasião da publicação de *Trinta Anos esta Noite*:

Absolutamente, eu acho que nunca eles quiseram fazer ditadura. Tanto que eles estabeleceram um rodízio. Onde é que já se viu ditador em rodízio, só no Brasil. Fazer ditadura é com o Pinochet, que fica 200 anos. Ditador é um só: Stroessner, Fidel Castro. Justamente para evitar a perpetuação do Estado. Agora, qual é o movimento apropriado para abrir? Essa é que era a questão. Aí, cada um tem a sua agenda particular. O Geisel devia ter, a meu ver, também. É pura especulação. O Elio Gaspari está escrevendo um livro sobre isso. E ele deve saber muito mais, porque ele tem documento, ele tem arquivos do Golbery, ele tem uma coisa que os acadêmicos adoram, no fundo é uma versão do Golbery do que está acontecendo<sup>23</sup>.

No final desse excerto, Francis demonstra estar a par do trabalho realizado por Elio Gaspari. Adiante comentaremos este detalhe. Acima, o jornalista especula que a opção pela Ditadura poderia ter sido pela indefinição de como promover a abertura, sugerindo que essa exitação teria se sobreposto à predileção pela Democracia. Em consequência disso, as motivações para os anos iniciais de época ditatorial teriam sido, em suma, quase constrangedores para

o regime, que não se assumia como Ditadura. Em retrospectiva, até chegar aos EUA em 1971, Paulo Francis qualificava a Ditadura como “envergonhada”, epíteto idêntico ao utilizado por Elio Gaspari, oito anos mais tarde:

Vim para os EUA. Cheguei em 10 de junho de 1971 (...). Vindo do Brasil me senti cachorro a quem abriram o canil e largaram solto num campo livre, ilimitado até onde os olhos enxergavam. Mas quero fazer justiça aos militares brasileiros. Em retrospecto me parece que sua ditadura era envergonhada, sempre professamente transitória, seguindo um ritual de eleição de um general atrás do outro, eleito nos quartéis e no Alto Comando, e, depois, sufragado no Congresso civil de fancia<sup>24</sup>.

Qualificar a Ditadura de “envergonhada”, segundo Paulo Francis, seria não ignorar a hesitação constante dos agentes militares em se reconhecerem como ditadores, como se o embaraço diante das características autoritárias do regime, de alguma forma, tornasse aquela situação peculiar. Tal argumento vai ao encontro da ideia de uma ditadura mais amena, que partilhava características comuns com os “interesses democráticos”, como o próprio desejo de ser uma democracia, negando-se no discurso constituir-se enquanto ditadura. Dessa forma, essa perspectiva guarda o raciocínio de que, ao ocorrerem sucessões presidenciais e, proporcionalmente, haver menos repressão, em comparação às ditaduras congêneres do Conesul, se comprovaria a peculiaridade da Ditadura brasileira, supostamente *permeada de boas intenções*, mas com *peso na consciência* frente às atrocidades (necessárias?) que era “obrigada” a cometer.

<sup>23</sup> Programa exibido em 31/10/1994. A íntegra da entrevista pode ser encontrada em: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/35/entrevistados/paulo\\_francis\\_1994.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/35/entrevistados/paulo_francis_1994.htm). Acessada em 20/07/2010.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 115.

**Paulo Francis e Elio Gaspari: ideias em comum e sociabilidade em Nova Iorque**

À semelhança de Francis, Elio Gaspari qualifica a Ditadura como “Envergonhada”, mas a vergonha teria se limitado ao Governo Castello, pois em 1968, com a implementação do AI-5, para Gaspari, a Ditadura teria tornado-se “Escancarada”<sup>25</sup>. Para Paulo Francis, no entanto, a própria sucessão de militares lhe parecia uma ditadura envergonhada. De qualquer forma, há semelhança no modo de racionalizar a natureza do regime para ambos os autores. Elio Gaspari, similarmente a Paulo Francis, também constrói uma visão positiva de Castello, elogiando-o como poliglota e portador de “letra elegante, além de ressaltar seguidamente que a Ditadura, sob sua responsabilidade, se pretendia temporária”<sup>26</sup>. Além desses, há outros elementos que chamam atenção na convergência de pontos de vista.

Pode-se dizer que a semelhança mais significativa entre Francis e Gaspari diz respeito ao fato de darem grande relevância à ação das “eminências pardas”, dos Generais e à política feita dentro dos gabinetes. Esta tem sido, a propósito, uma crítica recorrente feita por historiadores aos livros de Gaspari<sup>27</sup>. Para o autor de *A*

*Ditadura Envergonhada*, os personagens centrais atuantes na trama que teria arquitetado o Golpe, e na maneira como se implantou e declinou o regime ditatorial, estariam personificados essencialmente nas figuras de Golbery do Couto e Silva e de Ernesto Geisel. Além disso, Gaspari minimiza a participação das classes empresariais e dos EUA no Golpe, do mesmo modo que faz Francis.

Elio Gaspari acredita, da mesma forma que Paulo Francis, na ação providencial de protagonistas excepcionais, em uma história caracterizada pelas “elites políticas”, determinada pela vontade de poucos indivíduos. O autor também se utiliza de “informantes” para reforçar seus argumentos ou citar uma ou outra curiosidade (apesar de, ao contrário de Francis, se apoiar fundamentalmente em um grande número de documentos). Ao longo de sua narrativa, desaparece a trama social, em que os comportamentos singulares e individuais estão relacionados com o tecido da sociedade. O Golpe e a Ditadura seriam também consequências de um sucesso eminentemente militar, além de um produto relacionado ao “desvio moral” decorrente do acaso ou da “inabilidade política” de um agente histórico atomizado, que é, particularmente, o juízo que Gaspari faz do ex-presidente João Goulart<sup>28</sup>. Por essa razão é que transparece o enfoque interpretativo nos títulos dos volumes: a Ditadura que seria em caráter provisório (envergonhada) e a Ditadura que de fato foi em caráter definitivo (escancarada).

<sup>25</sup> A série “ilusões armadas” divide-se em dois volumes, do qual o primeiro, *A Ditadura Envergonhada*, percorre os acontecimentos dos anos desde a instauração do Golpe, em 1964, até o imediato pós-1968, com a decretação do AI-5. No segundo volume, *A Ditadura Escancarada*, são percorridos os anos entre 1969-1974, finalizando a narrativa dos últimos tempos de guerrilha. GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>26</sup> GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*, op.cit., p. 129-232.

<sup>27</sup> SILVA, Marcos. Jornalismo retrospectivo e quase história. In: *Revista Adusp*, maio de 2005, p. 80-84;

MAESTRI, Mário; JAKOBSKIND, Mário Augusto. A historiografia envergonhada. In: *História & Luta de Classes*, Abril de 2005, p. 125-131; FICO, Carlos. *Além do Golpe*. Op.cit.

<sup>28</sup> Tal juízo é justificado ainda por uma nota de rodapé em que cita uma frase crítica de Celso Furtado em relação a João Goulart. Furtado havia sido Ministro do Planejamento de Jango: GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*, op.cit., p. 46

Na entrevista ao programa *Roda Viva*, citada anteriormente, Paulo Francis deixa claro que está a par do trabalho que Elio Gaspari estava desenvolvendo, e que resultaria nos livros em questão. De fato, Francis e Gaspari, além de compartilharem ideias semelhantes, eram amigos. Encontravam-se em Nova Iorque, no intervalo do trabalho, dividindo momentos de sociabilidade em passeios e almoços, como o próprio Paulo Francis recorda:

O Elio e eu nos divertimos muito quando ele morava em Nova York (como correspondente da revista *Veja*). Nós almoçávamos aqui (no Bravo Gianni), daí dávamos uma volta de 40 quarteirões para afinar a barriga e ver os loucos. Os loucos são a maior atração de Nova York. Saem gritando por aí. Tem louco que entrou na era da eletrônica e grita de microfone (...). Saíamos daqui para ir à Quinta Avenida, na altura do Central Park. Aí, íamos andando pela Quinta até a confluência com a 57, que é a maior esquina do mundo. Ali você vê as mulheres mais bonitas do planeta. O Elio tem até uma piada ótima. Diz que as mulheres quando ficam velhas passam lá para lembrar de quando eram gostosas e bonitas. Porque vêem as outras, é claro<sup>29</sup>.

A grande imprensa preparou ampla badalação em torno dos livros de Elio Gaspari. O jornal em que ainda trabalha, a *Folha de São Paulo*, deu larga divulgação aos seus livros, chegando a ser designado em uma matéria de Mário Magalhães como “o biógrafo da Ditadura”<sup>30</sup>. A própria *Folha de São Paulo* tem deixado transparecer uma determinada visão do “caráter da Ditadura brasileira” que se instaurou em 1964. O conhecido editorial da *FSP* que deixou *escorregar* o termo “ditabranda”, tem paralelo com as alusões apresentadas por

Francis em *Trinta Anos esta Noite*, que qualifica a Ditadura brasileira como menos cruel comparada às suas congêneres na Argentina e no Chile<sup>31</sup>.

Abrindo um parênteses em relação a este tema, referente à crueldade e perseguição, Francis, ainda na *FSP*, na década de 1980, escrevia que “a grossura entre 1968 e 1975 foi intolerável”<sup>32</sup>. Também lamentava o infortúnio de vários amigos seus. Chegou a citar, na ocasião do falecimento do cineasta Glauber Rocha, em 1981, os malefícios causados pelo regime, que reprimia a liberdade jornalística e perseguia seus amigos íntimos, como o próprio Glauber Rocha: “(...) a hora é realmente de chorar, pela brutalidade de nossa vida pública, que apressou a morte de Glauber, mantendo-o fora do único lugar em que se sentia bem, o Brasil”<sup>33</sup>. Ao mesmo tempo, dizia “não [ser] tanto a violência [que] o preocupava, ainda que devesse preocupar mais, talvez (...)”. O problema maior estaria na falta de “oposição real, orgânica, visceral, ao modelo, nas classes intermediárias da sociedade brasileira. O que há é uma reação de ressentimento a que o modelo não mais produza como nos tempos do ‘milagre’”<sup>34</sup>.

Retomando a relação entre Francis, Gaspari e a grande imprensa, na entrevista supracitada, concedida ao *Roda Viva*, Francis alegou que Gaspari “saberia mais detalhes”, por estar fazendo um trabalho elaborado com fontes documentais: “[Gaspari] tem documento, ele tem arquivos do Golbery, ele tem uma coisa que os acadêmicos adoram”. O jornalista carioca, embora aqui dissesse que Gaspari atendessem uma necessidade acadêmica, como citar

<sup>29</sup> Paulo Francis por ele mesmo (Entrevista). *Revista Cult*, 14/03/2010.

<sup>30</sup> *Folha de São Paulo*, 23 de novembro de 2002.

<sup>31</sup> *Folha de São Paulo*, 17 de fevereiro de 2009.

<sup>32</sup> *Folha de São Paulo*, 5 de janeiro de 1984.

<sup>33</sup> *Folha de São Paulo*, 28 de agosto de 1981.

<sup>34</sup> *Folha de São Paulo*, 5 de janeiro de 1984.

documentos de Golbery, também, em outros tempos, fazia a crítica inversa, condenando a academia. Ou seja, os acadêmicos, segundo Francis, não recorreriam às testemunhas da época, recurso que seria muito utilizado por ele, embora sem um rigor teórico e metodológico, por exemplo, como é caro às exigências formais, hoje, da chamada “história oral”<sup>35</sup>. De qualquer modo, seus comentários evidenciam uma despreocupação autoral em documentar a base de seus argumentos, ao mesmo tempo em que divulga o trabalho em andamento de seu colega, com tendência supostamente oposta.

De maneira geral, apesar de pormenores distintos, vemos que há uma evidente relação entre as interpretações de Paulo Francis e Elio Gaspari sobre o Golpe e o caráter da Ditadura, não apenas referentes às suas ideias, mas presumível também pela própria sociabilidade entre os dois. Apesar de se dizerem jornalistas independentes, é necessário lembrar o lugar de onde ambos escrevem – ou escrevia, no caso de Francis – levando em consideração as empresas jornalísticas às quais se vinculam. Afinal, o trabalho dos dois se insere na área do jornalismo político e, neste campo, os intelectuais sempre marcam as suas posições. Suas relações com a grande imprensa, como a *Folha de São Paulo*, *O Globo*, e mesmo a revista *Veja*, não devem ser escamoteadas.

---

<sup>35</sup> Ao se referir que a esquerda pensava que o golpe tinha a intenção de colocar Lacerda no poder, Paulo Francis confirma que Golbery se reuniu com Ênio Silveira, Álvaro Vieira Pinto, e outros líderes de esquerda, pedindo-lhes apoio condicional. Golbery teria revelado que Lacerda e outros líderes que “enganavam o povo” seriam afastados do poder: “O general Golbery está aí. Ênio Silveira está aí. Seria útil que nossos acadêmicos de vez em quando conversassem com quem participou e ajudou a fazer a história, em vez de só lerem o que é publicado”. *Folha de São Paulo*, 12/4/1984.

Em tese, os livros guardam maior independência frente aos artigos escritos nos jornais, os quais estão sempre sob “o crivo das redações”. Porém, mesmo se essas “produções independentes” continuam em conformidade com posições assumidas nos editoriais da grande imprensa, e tais posições assumem conotação consensual nos espaços dos grandes periódicos, é indício de que esses espaços são propositalmente hegemônicos, contrastando a ideia, que grande parte dos veículos de imprensa tenta difundir, de que são imparciais e comprometidos com uma ética idônea no trato da informação e da comunicação.

### Considerações Finais

É importante lembrar, como apontamos anteriormente, que existe considerável produção de conhecimento acadêmico sobre os acontecimentos vinculados ao Golpe e à Ditadura, principalmente oriunda de historiadores, cientistas sociais e filósofos, que adota outra postura conclusiva, diferente das apresentadas pelos jornalistas que aqui comentamos, ao analisar a contextualização do tema<sup>36</sup>. Nesse conjunto, dificilmente haverá o tratamento descuidado de fontes como “autoridades da verdade”, como no caso dos “informantes” de Francis e

---

<sup>36</sup> Embora agregando uma diversidade de interpretações e perspectivas de abordagem, podem ser usados como exemplos os diversos artigos da obra coletiva de Caio Navarro de Toledo e daquelas publicadas nos jubileus de trinta e quarenta anos do golpe civil-militar: TOLEDO, Caio Navarro de (Org.). *1964: Visões Críticas do Golpe: democracia e reformas no populismo*. São Paulo: Unicamp, 1997; SOARES, Gláucio Ary Dillon (Org.). *21 Anos de Regime Militar: Balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 1994; REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs.). *O Golpe e a Ditadura Militar – 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusp, 2004.

Gaspari, os quais são avaliados por meio de juízo subjetivo de maior ou menor confiança em seus depoimentos, carecendo de problematização adequada. É impraticável encontrar o tratamento dado aos ditadores Castello, Golbery e Geisel, mencionados como militares refinados e com tendências progressistas. Porém, sejamos justos, também existe dentro do campo historiográfico a “história personalizada”, guiada por decisões de gabinete e conchavos, que não raras vezes omite as organizações coletivas. Assim, não é incomum encontrar essa prerrogativa em certas vertentes da história política, muitas vezes centrada demasiadamente nas relações das “elites” nas disputas de poder.

As próprias características deste “modelo de interpretação” do Golpe de 1964 e da Ditadura, afastadas de grande parte das interpretações mais criteriosas dos historiadores e outros profissionais de dentro e de fora da academia, mostra, no mínimo, o descuido que há com a complexidade dos fenômenos históricos. Do mesmo modo, a preferência pela visão liberal dos acontecimentos (elogios às medidas liberalizantes e simpatia àqueles ditadores mais compromissados com tais medidas) demonstra de maneira clara a feição ideológica dessas interpretações. Em síntese, é significativo como essas explicações acerca da temática, junto aos jornalistas que compactuam com elas, ganhem espaços privilegiados na grande imprensa.

De todo modo, essas comparações colocam sempre em dúvida a independência do intelectual e do jornalismo feito na/para a grande imprensa. Aliado a isso, o espaço de opiniões consensuais sobre determinado ponto de vista histórico pode indicar a posição de certo veículo de imprensa como *Aparelho Privado de Hegemonia*, em que a

disputa pela maneira como deve ser compreendida a história torna-se objeto de disputa hegemônica. Somado a outros elementos, a maneira como Paulo Francis racionalizou e procurou explicar a Ditadura Civil-Militar é uma fonte rica para a melhor compreensão de sua virada ideológica. Sem dúvida, o espaço que teve na grande imprensa está relacionado à perda de importantes características de seu discurso anterior à década de 1970. Para ele, a Ditadura representou um momento importante: o exílio voluntário nos EUA, a adaptação de seu conteúdo textual frente aos cortes e às ameaças de cortes da censura, além do ingresso com estabilidade na grande imprensa, com contrato exclusivo na *Folha de São Paulo*, proporcionando-lhe o contato com pessoas poderosas, vislumbrando uma vivência extremamente contrastante com a que tinha no Brasil.

A partir de certo momento, Francis passou com maior frequência a conviver em um círculo de homens ricos, conservadores e próximos do poder, como Delfim Netto e o banqueiro Ronald Levinsohn. Este último, inclusive, cuidava e administrava sua conta bancária, avaliada pouco antes de sua morte em três milhões de dólares<sup>37</sup>. Do mesmo modo, e igualmente significativo, Elio Gaspari guardava estreitas relações com Golbery e Geisel, os quais lhe cederam seus acervos pessoais que ocasionaram as publicações da série *As ilusões Armadas*.

Poderia se questionar também a semelhança dos formatos narrativos desses enfoques jornalísticos da história. As metáforas, ironias e doses de cinismo são recursos que agradam o leitor e, portanto,

---

<sup>37</sup> BEIRÃO, Nirlando. Francis, o homem-bomba. In: Revista *Brasileiros*, Março/2010, Edição 32. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/2010/03/18/paul-o-francis-o-homem-bomba/>, acessado em 16 outubro de 2011.

## O GOLPE DE 1964 E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO DISCURSO DE PAULO FRANCIS

têm apelo mercadológico. As críticas que têm sido feitas a essas narrativas, condenando o suposto protagonismo de alguns agentes nas ações, as quais dariam rumos importantes e definitivos à história, evidenciam a fragilidade das interpretações derivadas dessas obras. Entretanto, o historiador também pode questionar a razão delas terem sido construídas daquela maneira, e se com vista a atender uma demanda mercadológica.

Supostamente o mercado tem melhor aceitação para amenidades, processos mais tratáveis de compreensão, com linguagem acessiva e romanceada. Porém, a trivialidade da narrativa jornalística se coloca em oposição à complexidade dos fenômenos históricos. Tal perspectiva pode muito bem acompanhar certas condutas de classe e tentativas de construção hegemônicas de determinado ponto de vista histórico. Como resume Carlos Fico, no caso da memorialística do Golpe e da Ditadura: esse enfoque pode ser estudado como “a luta pelo estabelecimento da ‘versão correta’ dos fatos”<sup>38</sup>. Sem dúvida, não há como separar essas disputas sem atrelá-las aos desdobramentos que têm no tempo presente e sem desnudá-las de seu caráter ideológico.

Nesse sentido, a grande imprensa tem desempenhado um papel destacado na memorialística do Golpe e da Ditadura. Pelo menos em três grandes veículos jornalísticos, como os jornais *FSP*, *O Globo* e a revista *Veja*, Paulo Francis e Elio Gaspari tiveram amplos espaços para escrever. A repercussão, entre os colegas de redação, de suas produções independentes, notadamente as de conotação essencialmente política, foi e é notória. Isso põe em questão que não apenas nos

editoriais as empresas jornalísticas emitem suas opiniões, mas no próprio conjunto do periódico, incluindo a organicidade dos intelectuais, escolhendo amiúde seus jornalistas e dando destaque aos seus textos e *status* como respeitáveis intelectuais.

Paulo Francis continua sendo referência obrigatória em tais veículos de imprensa. Sua influência é referenciada por inúmeros jornalistas. Desde que o articulista carioca faleceu, em fevereiro de 1997, não faltam homenagens e reminiscências à sua biografia e ao seu estilo de comunicação. Boa parte da herança que Francis deixou em termos intelectuais, no entanto, não apresenta nada de excepcional: entre outros temas, especialmente aos alusivos à história do Golpe e da Ditadura, ao que tudo indica, foi apenas mais um, entre outros jornalistas, a tentar forjar uma interpretação consensual sobre aqueles eventos, a qual tem se repetido no conteúdo político informativo da grande imprensa do país, com pouquíssimas vozes dissonantes. Entretanto, justamente por ligar-se a este elo junto aos grandes veículos de comunicação e *Aparelhos Privados de Hegemonia*, sua herança intelectual da fase liberal-conservadora torna-se relevante como objeto de estudo e necessária referência para o conhecimento da grande imprensa brasileira.

**Recebido em: 21/01/2013**

**Aceito em: 27/01/2013**

---

<sup>38</sup> FICO, Carlos. *Op.Cit.*, p. 25-26.